



## Resenha da Obra “Pequena Introdução à Filosofia da Educação: Escola Progressiva ou a Transformação da Escola” de Anísio Teixeira

Vania Marques Cardoso<sup>1</sup>

### Resumo

Em 1971, morre Anísio Teixeira, edita-se uma “nova” LDB (Lei 5692/71) que desmonta o pouco de democrático, libertário e avançado que Anísio e seus companheiros do “Manifesto dos Pioneiros” de 1932 haviam conquistado na anterior (Lei 4024/61). A edição aqui resenhada é também de 1971 e discute as principais ideias presentes no livro: a relação entre filosofia e educação em torno da crítica à escola como mera reprodutora de conteúdos, que pouco contribuem para responder aos desafios da sociedade em constante mudança, e a defesa da organização escolar com foco na autonomia crítica do aluno e na construção de uma democracia, que valorize a personalidade humana, a expressão de valores individuais e o respeito pelos valores de todos, enfim, a formação integral do sujeito para a cidadania, como hoje se apresenta nos discursos oficiais das políticas públicas, nem sempre refletidos na escola.

**Palavras-chave:** Filosofia. Educação. Liberdade. Democracia. Escola Nova.

---

<sup>1</sup> Licenciada em Pedagogia no Brasil e em Ciências da Educação em Portugal, pós-graduada em Educação nas áreas de gestão, coordenação e supervisão escolares e políticas públicas em Educação, é mestranda na UNINOVE. Endereço: Rua Vergueiro, 44 – Liberdade – São Paulo - SP - Brasil - CEP 01503-001. E-mail: vmcbrasil@hotmail.com.

*Submissão: 11/05/2014 • Aceite: 18/06/2014*

## **State Education Network Textbooks (São Paulo): Education for Youth and Adults and Law 10.639/03**

### **Abstract**

Anísio Teixeira dies in 1971. In the same year, the 'new' LDB (Law 5692/71) is enacted, dismantling the few democratic, liberating, progressive advancements that Anísio and his fellows of the "Pioneers' Manifest" from 1932 had achieved in the previous one (Law 4024/61). The edition reviewed here was also published in 1971. It discusses the main idea contained in the book: the relation between philosophy and education around the criticism to school as a mere content reproducer, with little contribution to respond to the challenges of an ever-changing society; the defense of a school organization focusing on the student's critical autonomy and the construction of a democracy that values human personality, the expression of individual values and the respect for everyone's values, that is, the formation of the subject for citizenship as it is frequently mentioned in the official discourse of today's public policies, not always reflected in school.

**Keywords:** Philosophy. Education. Freedom. Democracy. The New School Movement.

### **Resenha**

A decisão de resenhar essa antiga edição de Anísio Teixeira foi o reencontrar-me com esse momento da história da educação que se espelha até hoje na presença e na ausência de políticas educacionais no Brasil; justifica-se, assim, pelo que o autor representa na história da Pedagogia no Brasil: político da educação, reformou o sistema educacional da Bahia e do Rio de Janeiro; estudioso de sua época, desde os anos de 1920, foi uma das âncoras da "Escola Nova" brasileira, movimento que impulsionou reformas educativas e, até hoje, impulsiona projetos de educar com base em princípios democráticos. A edição, recolhida em um projeto de distribuição gratuita de livros que outrora habitaram as saudosas bibliotecas escolares e institucionais

em Santo André, é justamente do ano da morte do autor e, paradoxalmente, da publicação da LDB de 1971, que, sob auspícios dos duros ventos militares, derrubaram conquistas e enformaram a educação no seu sentido mais dual, classista e autoritário.

A “Pequena introdução à filosofia da educação – escola progressiva ou a transformação da escola” desvenda, desde a nota do autor, os fundamentos da educação “nova” baseada na ciência experimental. O título, modificado em relação à edição de 1934, coloca “escola” em lugar de “educação” para valorizar os esforços da educação moderna na implementação de projetos experimentais desde o começo do Século XX.

No primeiro capítulo, Anísio Teixeira argumenta que a teoria moderna vê o desenvolvimento humano como produto de um meio favorável à sua natureza e discute que mudanças em educação nem sempre são imediatamente internalizadas em função de três diferentes posições dos educadores na escola que fazem avançar e mantêm regredido na educação. Comenta, então, que o reacionário responsabiliza a escola pelas crises (das letras, do “espírito”, dos valores, costumes e maneiras), reprovando as atitudes libertárias da juventude estimuladas pelas “estranhas teorias” do autogoverno da “educação nova”. Os “falsos renovadores” tornam o ambiente escolar um meio sem estímulos e a escola refratária à disciplina. Os renovadores acreditam no seu papel de guiar o crescimento do aluno para alcançar como produto da escola um “homem educado” que se subordina aos seus próprios fins e plano voluntários. Admitindo que a aplicação das teorias da “escola nova”, por vezes podem reforçar o reacionarismo, o autor defende o fundamento teórico que a sustenta: a escola como reflexo da sociedade e a autoeducação (atividade autônoma do aluno) como criadora de consciência humana.

No segundo capítulo, Anísio Teixeira discute os fundamentos (progresso, industrialismo e a democracia) da transformação social, perpassados pelo conhecimento científico que interpreta os fins e os meios de forma integrada. O progresso é apresentado como transformação material

e de mentalidade que aplica a ciência à civilização e gera nova ordem social e moral; o industrialismo se destaca por transformar recursos materiais, facilitar a vida urbana, criar um “novo organismo” social interdependente com expansão além do local e do nacional; a democracia valoriza a personalidade humana, a expressão de valores individuais e sociais. O texto conclui que, em conjunto, esses fundamentos atuam sobre a sociedade e a escola, exigem ao humano adaptar-se, aplicam a ciência ao cotidiano e dão à escola a finalidade de formar o indivíduo e o homem social, preparado pra o presente e para um futuro incerto e, dessa forma, questiona a escola tradicional que utiliza o estudo como lição, a aprendizagem como aceitação dos fatos e conceitos; a avaliação como prova de adaptação, tornando-se doutrinária de dogmas sociais, morais ou religiosos que preparam para um futuro imutável.

Anísio Teixeira advoga, ainda nesse capítulo, que a complexidade da aprendizagem, transcendente ao objeto direto de estudo, faz incorporar a experiência ao organismo por meio de “leis” da “nova psicologia de aprendizagem” que demonstram que só aprendemos em torno de fins; defende a apropriação das premissas científicas de KILPATRICK, DEWEY e CLAPARÈDE<sup>2</sup> como visão integradora da aprendizagem na sociedade em transformação e na escola (alunos ativos com professores impulsionadores das personalidades).

Liberdade como a principal aspiração que marca a evolução social projetada na escola e nela introjeta a ideia de KANT: “toda pessoa é um fim e nunca um meio” é a marca da discussão sobre a metodologia da “escola nova”: a criança na origem e no centro da atividade, programas reconstruídos e organização psicológica das matérias, é a temática trazida pelo autor no terceiro capítulo.

Para discutir a criança no centro, Anísio Teixeira compara escolas experimentais na sua “adorável desordem” flexível, onde se confia no espírito e na individualidade infantil, com a escola tradicional onde a criança é um

---

<sup>2</sup> O autor não dá referências bibliográficas do livro, por isso os autores citados aparecem apenas em maiúsculo como no original.

autômato, sem valorização das diferenças individuais, reproduzindo a ordem social. Na discussão sobre o programa escolar, o autor desvenda a existência subjacente de uma teoria geral de educação e faz uma retrospectiva histórica desde o Século XIX, valorizando o avanço da “nova” psicologia no Século XX, cuja defesa se apoia na ligação dos programas da escola com o sentido da vida. O texto reconhece que há duas posições antagônicas na discussão sobre programa dentro da “escola nova”: uma preconiza planejar antecipadamente e outra atuar a partir das experiências que vão surgindo na sala de aula e demonstra que ambas propõe o programa como um recorte da experiência humana recheado por atividades e transpassado por conhecimentos e instrumentos de acesso ao saber científico e cultural.

O capítulo defende, ainda, retomando JOHN DEWEY e KILPATRICK, uma organização psicológica das matérias escolares, tornando-as substrato do desenvolvimento psicológico da criança aprender em torno dos seus próprios fins: experiências (próprias e dos outros), aprofundamento das experiências e organização dos conhecimentos apropriando-se do método e processos do conhecimento científico.

Com a conclusão de que a educação é fenômeno social que torna o humano indivíduo e, ao mesmo tempo, emancipa a inteligência do caráter pessoal para concretizarem conhecimentos sociais, inicia-se o quarto capítulo. Anísio Teixeira valoriza o aspecto civilizatório da educação: dominar a natureza e cada organismo pela autoregulação, compreender o mundo e tornar a humanidade campo de pesquisa social. Porque promove a crítica sobre a própria sociedade – denuncia a máquina que escraviza, o industrialismo que gera fome e a liberdade que asfixia, esse aspecto, segundo o autor, torna a escola espaço revolucionário de mudança do qual o estudante não sai adestrado para o trabalho, mas um pequeno Sócrates pensante.

O capítulo quinto preconiza uma moral científica, difunde a Moral como ciência humana e afirma que só progredirá à luz da Fisiologia, Antropologia, Psicologia, Psiquiatria e Sociologia. Esclarecendo que a

atividade humana vale por si mesma quando os fins são válidos, que os impulsos são agentes geradores dessa atividade, que a cada obstáculo são recriados novos meios, Anísio Teixeira pontua que o fundamento da moral científica é considerar o homem em permanente ajustamento e a natureza humana matéria-prima da ordem social.

O autor observa os equívocos da moral tradicional, fundada em uma conformidade aos interesses dos grupos, exemplificando: os homens de ação do comércio, da indústria e da política utilizam uma falsa moral para criar sua imagem pública; os românticos condenam a moralidade convencional, glorificando impulsos como motivação para a vida e os humanistas colocam a moral em domínio estranho à natureza humana. Aponta, igualmente, que essa visão tradicional de moral divide artificialmente a existência em dois períodos, a infância sem responsabilidades e idade adulta com o peso de ser responsável e se funda em premissas equivocadas: natureza humana impura e corrompida; o “bem” como exterior à atividade humana e as regras da conduta imutáveis e irracionais.

O último capítulo dedica-se a discutir a Filosofia. Reconhecendo a beleza da história das filosofias, detalha a sua origem na perspectiva de John Dewey: conflito entre os conhecimentos da civilização material e os costumes, as tradições, as religiões; assim, no afã de reconciliar verdades fragmentárias, a Filosofia ocidental racionalizou crenças não racionais, criou a ilusão de ser uma explicação definitiva, lógica e formal do mundo, impondo uma concepção dualista entre mutável e imutável, intelectual e manual, corpo e espírito, homem e natureza, fazer e pensar, conhecer e fazer, cultura e profissão, trabalho e lazer etc. dificultando o avanço do método experimental, possível desde a Grécia segundo DEWEY, na busca de um definitivo idealizado.

Na continuidade, o autor advoga que esse dualismo impediu a marcha da inteligência humana até o século XVII, quando a atitude progressista reconstrói o pensamento científico, torna mais modesta a atitude do filósofo e coloca a Filosofia como tentativa de compreender a experiência humana em

conjunto com a ciência, quando o conhecimento é verificável é científico, enquanto sujeito à apreciação dos homens e suas instituições é filosófico.

Anísio Teixeira argumenta que, sendo a educação o processo formador da essência humana, a filosofia é sua teoria geral. Ambas vislumbram um tipo de sociedade, respondem aos conflitos entre os campos de conhecimento e emprenham cada um de uma filosofia individual e a todos de uma interpretação de conduta social. Observa que em uma sociedade em transformação, transformam-se as instituições: a família, a vida econômica, a vida industrial, a igreja, o Estado e a própria escola, para a qual se impõe mobilizar a filosofia e a ciência, tornando o professor um estudioso dos problemas modernos.

É interessante notar que mais de setenta anos passados vemos em Anísio Teixeira o eco das preocupações com a educação e a escola do Século XXI – a democratização, a formação crítica, a atividade do aluno, o currículo para além do programa, o professor pesquisador, a função social da escola etc. O autor toca, também, em questões contemporâneas (globalização, fragmentação do conhecimento, indústria cultural, alienação do trabalho, tecnologia, falta de consciência moral e política, a minoridade social), como se aqui estivesse.

É sabido que a “escola nova” nem sempre percorreu os passos da democratização, assumiu sua responsabilidade de formar o homem para o bem comum ou tornar personalidade e cooperação polos de uma mesma democracia, que a crença cartesiana na ciência que Anísio Teixeira carregou não descobriu leis para a aprendizagem, não acabou com práticas escolares de coação intelectual, não promoveu um conteúdo crítico e nem garantiu a escola como direito efetivo de todos, mas, sem dúvida, a releitura de “Pequena introdução à filosofia da educação – escola progressiva ou a transformação da escola”, além de prazerosa, diante da rigorosa utilização da linguagem para articular conceitos ao longo dos capítulos, é fundamental para a apropriação de história da educação como instrumento para olhar melhor a educação do nosso tempo.

## Referência

TEIXEIRA, A. **Pequena introdução à filosofia da educação: escola progressiva ou a transformação da escola.** São Paulo: Nacional, 1971.